Recife, 5 de março de 2025

***“Ao ver que chegou sua hora de passar deste mundo ao Pai, Jesus, tendo amado os seus entes queridos que estavam no mundo, foi até o extremo do amor. Foi até onde o amor pode ir” (Jo 13, 1ss).***  
Queridas irmãs e irmãos,

Se somos discípulos e discípulas de Jesus é para segui-lo nesse caminho de amor, até onde o amor pode ir. Para isso, cada ano, as comunidades de Igrejas mais tradicionais celebram anualmente a festa da Páscoa e a preparam com o retiro comunitário que chamamos de Quaresma.

O objetivo é nos dispor a celebrar de forma mais profunda a morte e a ressurreição de Jesus, não apenas através de ritos que se repetem, mas no esforço de intensificar o caminho de conversão pessoal e comunitária. No Brasil, cada ano, a Campanha da Fraternidade nos propõe um tema desafiador que nos coloque mais profundamente a serviço da transformação pascal de toda a sociedade. Nesse ano, a própria realidade confirma a urgência da Ecologia integral como objetivo de nossa conversão pascal.

Penso que o risco dessa Campanha é que todo mundo concorde com a importância da Ecologia Integral e aceite os seus argumentos. No entanto, o desafio é como isso pode tocar de forma concreta e profunda no meu modo de viver o dia e na forma como me relaciono com as outras pessoas e com a natureza. Se eu não me faço essa pergunta e não a proponho a vocês, o risco é que a Campanha sobre Ecologia Integral não toque profundamente na cotidianidade de cada um (uma) de nós. Minha impressão é que devo me perguntar em que aspectos ou como, no meu modo de viver, posso ser mais solidário e mais cuidadoso com as outras pessoas e com a vida. Como me deixar tocar no mais profundo de mim pelo apelo à solidariedade e à comunhão.

Penso que, assim como eu, a maioria de vocês que agora leem esta carta, se sentem meio em diáspora na Igreja e no mundo. Mesmo entre nós as pessoas que não se sentem desigrejadas parecem cada dia ter mais dificuldade de sentir-se membros ativos de alguma comunidade paroquial ou grupo oficial de Igreja. Além disso, temos de reconhecer que, mesmo os grupos alternativos aos quais pertencemos, parece que andam meio dispersos e, por isso, não estejam podendo oferecer o alimento espiritual necessário para nos abastecer no caminho que, como disse o Anjo ao profeta Elias: “tens ainda um longo caminho a percorrer” (1 Rs 19).

Esse momento do início da Quaresma nos chama a nos desacomodarmos e ver que passo novo podemos dar ou o que podemos fazer para intensificar entre nós essa comunhão, sem a qual não há saída. (A fé cristã não se vive sozinho ou no isolamento).  
Nem sempre é fácil conciliar a missão em diáspora, cada um (cada uma) na dispersão da vida cotidiana e, ao mesmo tempo, o apoio comunitário necessário para esse caminho na solidão das estradas do mundo. É quase “normal” que, no modo como a vida é organizada, cada um (cada uma) de nós desenvolva certo individualismo na organização do dia a dia e já ache que faz o necessário para mudar o mundo. Todos nos sentimos suficientemente solidários e pensamos que o apelo à solidariedade e à comunhão ecológica é sempre para os outros.

Talvez o que ainda possa nos fazer sair do acomodamento interior é a celebração em pequeno grupo e de forma mais simples que ligue fé e vida. Será que dentro de nós não escutamos o apelo interior para uma celebração que, em meio à dispersão cotidiana, possa de fato realimentar a fé e a vontade de prosseguir o caminho juntos? Como organizar isso?

Seja como for, encontrar-nos para preparar e celebrar a Páscoa será fonte de profunda alegria. No século IV, o bispo João Crisóstomo ensinava: “A Páscoa de Jesus vem fazer da vida da gente, mesmo no meio das lutas e das dores, uma festa permanente de esperança e comunhão”.

Desejo a você e a todas as pessoas que lhes são próximas um tempo proveitoso e fecundo de Quaresma. Como propõe São Bento na Regra para os monges e monjas: “na alegria do Espírito, esperemos a Santa Páscoa”.

Que o Amor Divino nos abençoe.

Abraço do irmão **Marcelo Barros**